

A questão das gerações na perspetiva das pessoas nascidas em 1940-1950, no distrito de Braga, Portugal. O objetivo do presente texto é apresentar os resultados de uma investigação realizada com pessoas da geração de 1940-1950 pertencentes ao distrito de Braga, em Portugal, descrevendo e analisando as suas experiências de vida nos domínios da família, da educação, do trabalho, do lazer e da religião. Na primeira parte do artigo analisa-se o conceito de geração, evidenciando as razões da sua perda de relevância, após ter sido um conceito central nas décadas de 1920 e 1930. Na segunda parte descrevem-se as experiências, atitudes e valores da geração objeto do estudo. Conclui-se que as pessoas desta geração partilham um conjunto de experiências e valores comuns que não resultam apenas do facto de terem nascido no mesmo lugar e na mesma época, sob determinadas circunstâncias, mas sobretudo do mundo que construíram nesse contexto, em interação com outras pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: geração, Portugal, família, educação, lazer, religião.

The question of generations from the perspective of people born between 1940 and 1950 in the district of Braga, Portugal. The aim of this text is to present the results of a study conducted with individuals from the 1940-1950 generation in the district of Braga, Portugal, describing and analysing their life experiences in the domains of family, education, work, leisure, and religion. The first examines the concept of generation, highlighting the reasons for its loss of relevance after having been a central concept in the 1920s and 1930s. The second part describes the experiences, attitudes, and values of the generation under study. It is concluded that individuals of this generation share a set of common experiences and values that are not merely the result of having been born in the same place and at the same time under certain circumstances, but above all of the world they constructed within that context through interaction with others.

KEYWORDS: generation, Portugal, family, education, leisure, religion.

EDUARDO DUQUE
JOSÉ DURÁN VÁZQUEZ

A questão das gerações na perspetiva das pessoas nascidas em 1940-1950, no distrito de Braga, Portugal

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, propomo-nos aprofundar a análise do conceito de geração e das relações intergeracionais. Para tal, começaremos por situar este conceito no âmbito do debate iniciado há cerca de um século sobre esta questão. Subsequentemente, apresentaremos os resultados mais relevantes de uma investigação que realizámos com indivíduos da geração 1940-1950 no distrito de Braga, Norte de Portugal, relativamente às áreas da *família, educação, trabalho, lazer, consumo e religião*. Esta investigação permitiu-nos compreender de forma mais aprofundada esta realidade, estabelecendo uma relação entre as abordagens teóricas e a pesquisa empírica.

O texto que se segue está estruturado do seguinte modo: inicialmente, contextualiza o tema das gerações e das relações intergeracionais no âmbito das perspetivas teóricas formuladas na Europa no início do século passado, abordagens essas que durante muito tempo caíram no esquecimento. Explora-se a razão subjacente a este esquecimento, bem como a tímida recuperação deste conceito nas últimas décadas. A segunda parte está dedicada à descrição e análise da geração em estudo.

AS GERAÇÕES: UM CONCEITO ESQUECIDO E NÃO DEVIDAMENTE RECUPERADO

A problemática das gerações e das relações intergeracionais atingiu um clímax de interesse e de análise no período entre as guerras do século xx, especialmente influenciada pelos trabalhos do filósofo e sociólogo alemão Karl Mannheim (1993) e pelo pensador espanhol Ortega y Gasset (2008). Contudo,

estes estudos pioneiros não encontraram um seguimento significativo nas décadas subsequentes, tendo o interesse pelo tema esmorecido significativamente nas ciências sociais. Apenas no início dos anos 90 do século xx é que se observou uma retomada do estudo das gerações, ainda que talvez não com a profundidade e a complexidade necessárias (Corsten, 1999).

Neste contexto, discorreremos inicialmente sobre os aspetos fundamentais dos estudos iniciais acerca das gerações. Seguidamente, exploraremos as razões que contribuíram para o seu prolongado abandono e, por fim, delinearemos as dimensões essenciais que qualquer investigação futura deveria contemplar ao investigar este complexo tema.

Os primeiros estudos sobre as gerações, destacando-se os de Karl Mannheim, questionaram a existência de um vínculo comum entre os indivíduos de uma mesma geração e, em caso afirmativo, como é que a referida conexão se estabelecia através das experiências de vida partilhadas. Embora nascidos no mesmo espaço e tempo, isso, por si só, não garantiria a formação desses vínculos (Mannheim, 1993). Ademais, mesmo assumindo a existência de experiências comuns, permanecia a questão de como estas experiências podiam fomentar uma vontade e consciência de pertença a um mesmo grupo.

O estudo das relações intergeracionais acrescenta uma camada adicional de complexidade, uma vez que não só se investiga a formação de uma consciência comum dentro de cada geração, mas também a forma como, a partir desta consciência, as diferentes gerações interagem entre si.

Os pioneiros nesta área, particularmente Karl Mannheim, perceberam que o encontro entre os membros de diferentes gerações ocorre entre pessoas com experiências e vivências distintas, onde o que é assumido naturalmente por uns pode ser recebido com estranheza e de forma mais consciente e reflexiva por outros. Esta dinâmica pode levar a diversos encontros e desencontros, bem como a reinterpretções das experiências, vivências, atitudes e valores, gerando novos cenários sociais (Mannheim, 1993).

Da análise anterior pode inferir-se que os vínculos geracionais não necessitam de ser forjados de maneira reflexiva e consciente, podendo também moldar-se a realidades assumidas e interpretadas num contexto prático, em conformidade com determinados *habitus* (Bourdieu, 2008). Contudo, isso não implica que tais laços, assim formados, sejam inerentemente mais frágeis ou robustos, pois a identificação entre os membros da mesma geração emerge, conforme mencionado anteriormente, da maneira como as suas experiências e vivências se relacionam com as suas atitudes e valores; ou seja, de como a sua posição no mundo se articula com a sua orientação em relação ao mundo.

É notório que a abordagem inicial ao estudo das gerações, desenvolvida há quase um século, já evidenciava uma reflexão profunda e perspicaz sobre

este fenómeno (Leccardi e Feixa, 2011). Essa profundidade derivava, em grande parte, do substrato intelectual de quem inaugurou esta perspetiva, Karl Mannheim (Corsten, 1999; Sánchez de la Yncera, 1993). De facto, a sua abordagem teórica criticava tanto o legado positivista, que rejeitava por se concentrar principalmente no aspeto cronológico e biológico como fulcro da análise, quanto o historicismo romântico de Dilthey, ao qual também apontava falhas por focar a sua atenção nas disposições anímicas e espirituais dos sujeitos, influenciados por um mesmo ímpeto espiritual e social, negligenciando a influência da posição social dos indivíduos no mundo (Mannheim, 1993).

Em contraponto a estas correntes intelectuais, Mannheim propôs uma análise das gerações que integrasse o fator objetivo, a posição social dos sujeitos no mundo, definida pelo local e tempo de nascimento, com o fator subjetivo, a sua orientação em relação ao mundo. A interligação destas duas esferas da existência resultaria no que Mannheim denominava como conexões geracionais: “Só falaremos de uma conexão geracional – escrevia ele – quando os conteúdos sociais reais e os conteúdos espirituais estabelecem um vínculo real entre os indivíduos que compartilham a mesma posição geracional” (Mannheim, 1993, p. 222). O objetivo seria, então, descobrir, descrever e analisar essas conexões geracionais.

Este importante avanço inicial no estudo das gerações, ocorrido há aproximadamente um século não teve, no entanto, a continuidade esperada. Esta interrupção deveu-se, em parte, ao facto de que, após a Segunda Guerra Mundial, as novas gerações de jovens passaram a atrair maior atenção, num contexto de confronto com as gerações anteriores (Feuer, 1968; Mendel, 1975; Ricard, 2001). Neste cenário, a juventude emergiu como símbolo do desejo de superação dos males causados pelas gerações precedentes, reivindicando uma sociedade menos sacrificial e mais igualitária e livre. Este movimento culminou no Maio de 68 francês, que simbolizou a rutura geracional, manifestada na aspiração dos jovens de viver de modo distinto ao dos seus progenitores.

Os estudos sociológicos que emergiram neste cenário concentraram-se, primeiramente, na análise da juventude, relegando para segundo plano a sua relação com as gerações anteriores (Purhonen, 2016; Le Goff, 2002, pp. 356-357; Ferry e Rénaut, 1985, pp. 199 e segs.). É indiscutível que tal foco tenha contribuído para o esquecimento das significativas contribuições realizadas na década de 1920 ao estudo das gerações. A questão que agora se levantava relacionava-se com as motivações que impulsionaram a juventude a este ato de rebelião. Alguns dos intelectuais mais proeminentes, cujas obras ganharam ampla notoriedade no início dos anos 70, postularam que estas razões estavam associadas ao desejo de libertação do rigoroso jugo da dominação institucional relacionada com a família, a escola e o trabalho (Bourdieu e Passeron, 2001; Foucault, 1999;

Illich, 1973). Assim, era necessário expor o carácter e as consequências deste domínio, exercido institucionalmente pelos adultos sobre os jovens.

Nos países do Sul da Europa, como Portugal e Espanha, os processos de transição da ditadura para a democracia, ocorridos em meados dos anos 70, contribuíram de forma significativa para esta situação. Neste contexto, as novas gerações emergiam como as protagonistas desses processos, destinadas a superar a ordem anterior, vinculada à repressão e ao atraso (Injuve, 1975; Nelson et al., 1989; Pais, 1989, 1996, 1998; Nilsen, 1998; Matias, 1989; Miguel, 2000; Guerreiro e Abrantes, 2003).

Por todos estes motivos, os estudos sobre as gerações e as relações intergeracionais receberam pouca atenção durante muitos anos, após aquelas primeiras análises pioneiras de há um século, que ainda hoje continuam a ser referência. Contudo, esse interesse parece centrar-se, sobretudo, nas gerações mais jovens, frequentemente descritas através de novos termos, como geração X, Millennials, geração Z, entre outros (Feixa, 2014).

No entanto, nas últimas décadas, parece ter-se reacendido um certo interesse pela problemática das gerações (Kingstone e Bristow, 2024; Pilcher, 2017; Aboim e Vasconcelos, 2014; Aboim, Vasconcelos e Neves, 2011; Aboim, Vasconcelos e Wall, 2013; Biggs, Haapala e Lowenstein, 2011; Edmunds e Turner, 2002, Nelson et al., 1989), merecendo destaque a sua aplicação ao contexto português através do estudo multidimensional das coortes de Braga (Duque e Durán Vázquez, 2023).

Em todo o caso, quem estuda as gerações deve ter em consideração toda a complexidade do tema que enfrenta. Uma complexidade que deriva, por um lado, do facto de que, em cada geração, conflui a posição que os sujeitos ocupam no mundo com a experiência que têm do mundo numa situação social particular; e, por outro, do encontro entre o legado transmitido pelas gerações anteriores e a interpretação que desse legado fazem as novas gerações, em virtude das suas próprias experiências em determinadas conjunturas. Isto deve ser compreendido na perspetiva de que o mundo não é simplesmente uma realidade dada aos sujeitos, mas algo que estes experienciam em situações concretas (Joas, 2013, pp. 214-215). São sujeitos no mundo e para o mundo. Por conseguinte, não se confrontam com a herança recebida das gerações anteriores como se esta fosse algo fixo ou imutável, mas integram-na na sua própria experiência, nas suas situações particulares de vida. Tal processo pode dar origem a diferentes formas de reprodução, oposição ou reconfiguração da herança recebida à luz de novas experiências.

Esta complexidade prende-se também com o facto de a dimensão geracional se encontrar frequentemente entrecruzada com outras circunstâncias sociais que também moldam a experiência dos sujeitos, contribuindo

para a formação de trajetórias biográficas específicas e para a configuração de determinadas identidades (Purhonen, 2016). Contudo, este aspeto não é exclusivo do domínio das gerações, como já haviam salientado os autores clássicos (Mannheim, 1993).

Embora tenha sido corretamente assinalado este ponto, com o intuito de evitar a supervalorização do conceito de geração, assistiu-se simultaneamente a uma acentuação excessiva de outros elementos da realidade social, nomeadamente das classes sociais. Com efeito, ao recorrer-se a este último conceito como instância explicativa última, colocaram-se em causa as potencialidades analíticas e compreensivas do conceito de geração, ao considerar-se que as diferenças geracionais são construídas no quadro de diversas lutas e confrontos sociais, cujo ponto de origem reside nas classes sociais, que assim atuam como categorias explicativas finais da realidade social (Bourdieu, 1993).

Antes de concluirmos este ponto, gostaríamos ainda de chamar a atenção para outra questão relevante: o conceito de consciência geracional. Por vezes, tentou-se reificar este conceito atribuindo-lhe um carácter político (Purhonen, 2016; Aboim e Vasconcelos, 2014). No entanto, no nosso caso de estudo, observar-se-á que essa consciência é mais latente do que manifesta, dado que não se expressa como uma vontade unitária de ação, ancorada num determinado sentido de pertença, mas antes como o resultado de uma forma mais ou menos semelhante de estar no mundo e de se posicionar perante ele.

Nas secções que se seguem, apresentaremos os resultados de uma investigação centrada na geração das pessoas nascidas nas décadas de 1940 e 1950, no distrito de Braga, onde se revela parte da complexidade desta realidade a que nos referimos anteriormente.

METODOLOGIA

Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, recorrendo a grupos de discussão e a histórias de vida. Os participantes foram selecionados com base em critérios de género e classe social, distinguindo entre classes de origem baixa e média-baixa e classes de destino média-baixa e média, refletindo a estrutura social predominante em Portugal naquele período (Ramos, 2014; Costa, Mauritti e Martins, 2000; Cabral, 1998). A classe social foi operacionalizada a partir do tipo de ocupação e do nível de escolaridade.

Foi realizado um grupo de discussão e oito histórias de vida, quatro com homens e quatro com mulheres, no período compreendido entre outubro de 2021 e março de 2022.

Conferiu-se prioridade às histórias de vida, dado que as pessoas desta geração são aquelas que possuem um passado mais longo, em virtude do qual

a sua vida adquire sentido em relação com aquilo que vieram a ser a partir do que projetaram ser (Taylor, 1996, p. 65). Assim, foram configurando narrativas próprias, relatos das dificuldades e limitações experimentadas ao longo da existência, bem como das formas de superação, com todas as satisfações e frustrações que daí decorreram (Bellah, 2017, p. 75).

As pessoas entrevistadas não produziram um discurso argumentativo estruturado, mas antes um discurso no qual emergiam acontecimentos que, tal como são recordados nos quadros da memória (Halbwachs, 2004), assumiram um papel central nas suas vidas. Para tal, foi necessário situar cada participante em condições de evocar essas experiências estruturantes, de modo a que pudessem relatá-las com o tempo e a tranquilidade necessários (Bertaux, 2005).

Deste modo, através da conversa mantida com estas pessoas, procurando não ser intrusivos, mas também não assumindo uma postura meramente passiva de escuta e interrogação, antes promovendo uma interação ativa (Bellah et al., 1989, p. 387), foi possível compreender que as suas vidas se configuraram de forma complexa na articulação entre passado, presente e futuro. No grupo de discussão, estes relatos foram contrastados, permitindo evidenciar experiências comuns (Jones et al., 2022; Muijeen, Kongvattananon e Somprasert, 2019).

Assim, tanto as histórias de vida como o grupo de discussão permitiram reconstruir as experiências situadas destas pessoas (Collins, 2009, p. 349), cuja apreensão só é possível através deste tipo de técnicas qualitativas. Por meio dos seus discursos, tornou-se evidente que não apenas estiveram inseridas num determinado contexto e sob determinadas circunstâncias, mas que criaram, na interação com essas circunstâncias e com diferentes pessoas, tanto da sua geração como de outras gerações, as suas próprias experiências de vida.

O mundo, o seu mundo, nunca se lhes apresentou como algo simplesmente dado, como um mero cenário da existência, mas antes como um conjunto de possibilidades de ação, simultaneamente condicionadas e geradoras de novas realidades (Joas, 2013, pp. 214-215). É isso que se procurará demonstrar nas páginas que se seguem.

EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS DA EXISTÊNCIA DAS PESSOAS DA GERAÇÃO 1940-50

O objetivo deste estudo é descrever e analisar as atitudes e valores das pessoas nascidas entre 1940 e 1950 no distrito de Braga, no Norte de Portugal, considerando as suas experiências e vivências num contexto socio-histórico específico. Estes indivíduos, durante, pelo menos, os seus primeiros anos de juventude,

foram socializados numa sociedade tradicionalmente ligada à comunidade paroquial, num contexto de um sistema político autoritário.

Este trabalho propõe-se demonstrar a existência de uma relação intrínseca entre as circunstâncias sociais e culturais nas quais esta geração cresceu e os valores e atitudes que desenvolveram, contribuindo para a emergência de uma identidade geracional distinta. Esta identidade não se manifesta necessariamente numa vontade consciente de pertença, mas reflete-se numa forma particular de perceber e interagir com o mundo.

Além disso, analisaremos também a forma como os membros desta geração interagem com as gerações precedentes e subseqüentes, nomeadamente os seus progenitores e filhos, explorando a dinâmica de transmissão de valores e atitudes intergeracionais.

O SENTIDO RELIGIOSO DOS VALORES

A experiência social dos membros da geração de 1940-50 que entrevistámos, especialmente durante a sua infância e os primeiros anos de juventude, está profundamente ligada às comunidades tradicionais. Estes indivíduos provêm, maioritariamente, de famílias camponesas, frequentemente extensas, onde, além de pais e irmãos, coabitam outros familiares, destacando-se a presença dos avós. Estas famílias, de natureza patriarcal e hierárquica, foram o berço da interiorização precoce de valores como *honestidade, honra, respeito, solidariedade, justiça, responsabilidade, trabalho e poupança*, todos com um significado moral e religioso associado às comunidades de origem e nos quais foram socializados. “Os valores que transmiti aos meus filhos, associados à prática religiosa, estão aí – afirma uma das entrevistadas; os valores da honestidade, do respeito, de que ninguém é mais que ninguém, embora reconheça o próprio mérito” (HV: *mulher, professora primária aposentada, 2 filhos. Origem social: pequenos proprietários agrícolas*).

A religião, como anteriormente referimos, dá um significado especial a estes valores. As crenças religiosas foram recebidas pelos membros desta geração não apenas através da palavra, mas também através do exemplo. “Ser católico ou não ser católico não significava nada para mim – diz um dos nossos informantes. O que me dizia eram as doutrinas que se praticavam naquela época” (HV: *pequeno empresário aposentado, 4 filhos, estudos primários, origem social humilde*). Trata-se, pois, de uma religiosidade popular em que a crença e a prática estavam intimamente ligadas e na qual não havia espaço para a descrença, uma vez que a religião era algo tomado como evidente e pressuposto (Taylor, 2014, pp. 55 e ss.).

Deste ponto de vista, poderíamos afirmar, em consonância com Peter Berger (1977, pp. 108 e ss.), que a religião constitui, para estas pessoas, uma

realidade nómica, inquestionável, que integra e simultaneamente conforma a ordem do mundo. Enquanto tal, é percebida como exterior aos próprios sujeitos, sendo por estes experienciada de forma alienada.

Contudo, é precisamente por esta razão que também lhes proporciona segurança e confiança, conferindo às suas vidas um sentido vivido como indiscutível.

Esta forma de compreender a religião deixará de ser partilhada pelos filhos que, aos poucos, se afastam da prática religiosa dos pais. “Também instiguei os meus filhos a irem à missa, mas eles já são casados, e sei que nem sempre vão... Dizem que têm outras ocupações e por isso nem sempre vão à missa aos domingos” (HV: *mulher com 2 filhos. Estudos primários, secretária datilógrafa de uma escola de condução aposentada. Origem social humilde*). E outra pessoa comenta: “Uma das minhas filhas não vai à missa, embora só tenha ido à missa aos 20 anos” (HV: *homem, professor primário reformado, origem social humilde*).

Portanto, a religião não apenas molda os valores individualmente, mas também impregna as formas de vida e a própria existência das comunidades às quais essas pessoas pertenciam e nas quais se socializavam, influenciando profundamente as dinâmicas intergeracionais durante a sua infância e juventude.

O HORIZONTE MORAL DOS VALORES

Os valores principais que conferem um sentido particular à vida destas pessoas são, conforme mencionámos, *a honestidade e a honra, o respeito, a solidariedade, a justiça, a responsabilidade, o trabalho e a poupança*. Estes valores estão intrinsecamente ligados ao cumprimento de determinados deveres.

Primeiramente, ser honrado implica não roubar. “A minha mãe – uma das entrevistadas comenta – preferiria ver as suas filhas mortas que serem acusadas de ladras” (HV: *mulher com 2 filhos, professora do ensino primário reformada e oriunda de uma família de pequenos proprietários agrícolas*).

A honra, especialmente no contexto feminino, também está relacionada com a sexualidade. A mesma entrevistada acrescenta: “Cheguei ao casamento virgem aos 28 anos, por minha própria vontade, embora a influência da minha mãe estivesse sempre presente” (HV: *mulher com 2 filhos, professora do ensino primário reformada e oriunda de uma família de pequenos proprietários agrícolas*).

A honestidade e a honradez conferem também respeitabilidade à pessoa, o que se reflete no tratamento com os outros e nos modos de agir. “O meu pai era muito rigoroso, queria que as pessoas fossem educadas”, relata uma mulher (HV: *mulher com 2 filhos, estudos primários, secretária datilógrafa aposentada de uma escola de condução, origem social humilde*). Outro entrevistado,

diz: “Ando pelas ruas e sou respeitado; paro para falar com as pessoas e elas param comigo. Porquê? Por um comportamento digno”, comenta o homem (HV: *homem, 3 filhos, tipógrafo aposentado, estudos primários, origem social humilde*). Mas o respeito manifesta-se também na aparência externa: “Vejo um homem de barba e mal vestido; chamei-o e disse-lhe que lhe traria roupa... faça o favor, quero vê-lo limpo, impecável, para parecer mais respeitável” (HV: *homem, 3 filhos, tipógrafo aposentado, estudos primários, origem social humilde*). Quem é respeitável também é uma pessoa digna; tem dignidade.

A ajuda mútua é outro valor muito presente no discurso dos entrevistados. “Todos precisamos de ajuda. Digo a mim mesmo que não quero sentir-me sozinho. Às vezes é preciso recorrer a alguém para não se sentir só”, confessa um entrevistado (HV: *pequeno empresário aposentado, 4 filhos, estudos primários, origem social humilde*).

As pessoas que vivem de maneira honesta e honrada, cumprindo os deveres derivados desses valores, veem-se a si mesmas e assim querem também ser reconhecidas, como pessoas respeitáveis, que têm vergonha. “As minhas filhas conservam muitos dos valores que lhes transmitimos, especialmente porque são pessoas honradas, têm vergonha, essas coisas que agora não se valorizam tanto” (GD: *homem com 2 filhas, engenheiro técnico, professor do ensino secundário reformado, origem social de pequenos proprietários agrícolas com alguns jornaleiros aos seus cuidados*).

Não cumprir com estes valores e os respetivos deveres resulta, por contraste, em não ser considerado respeitável, e, portanto, em carecer de vergonha. Por isso, os pais preocupam-se muito em incutir nos filhos o sentido da vergonha. Não há maior desonra do que perder a honra, o que implica também perder a vergonha.

No entanto, enquanto que ter vergonha significa estar à altura dos valores mencionados anteriormente, não ter vergonha, ser um descarado, implica não apenas falhar ao cumprimento desses deveres, mas também pretender estar acima dos outros, exibindo uma personalidade distinta. Um comportamento que é inaceitável numa sociedade, como aquela em que as pessoas entrevistadas foram socializadas, que observa e avalia o indivíduo em função da sua posição dentro da ordem social. Tal posição implica o cumprimento de uma série de deveres que são a expressão dos valores comumente aceites pela comunidade. Neste contexto, o contraponto ao orgulho pessoal, ao desejo de se sentir superior aos outros, é a humildade, a consciência da posição que cada um ocupa relativamente aos demais. “A minha mãe dizia-me – comenta um dos nossos entrevistados – sê sempre humilde e não exagares no diálogo; sê sempre humilde com as pessoas” (HV: *homem, 3 filhos, tipógrafo reformado, estudos primários, origem social pobre*).

Um dos principais domínios em que se manifesta o sentido dos valores anteriormente mencionados é o do *trabalho*. Para as pessoas desta geração, o trabalho não estava exclusivamente reservado aos homens, pois, frequentemente, ausentes devido às guerras coloniais, as mulheres eram obrigadas a trabalhar para sustentar a família (Ramos, 2014, 2018). “Repare – comenta uma das pessoas entrevistadas – que quando o meu pai foi para África eu estava na escola primária. Quando ele voltou, eu já era pai. Ele esteve muito tempo ausente, envolvido naqueles conflitos da guerra” (HV: *pequeno empresário reformado, 4 filhos, estudos primários, origem social humilde*). O trabalho estava ligado, como já foi referido, aos valores de *honestidade*, *honradez*, *solidariedade* e também ao de *utilidade social*, com um evidente sentido religioso, como se verá mais adiante.

Se a vida laboral for vivida de acordo com estes valores, a pessoa torna-se, aos seus olhos e aos dos outros, digna e respeitável. “O mais importante que os meus pais me ensinaram foi a ser trabalhadora, séria, honesta e a trabalhar sem olhar a quem... e a ajudar os outros... foi o que eu ensinei aos meus filhos, fazer tudo como Deus queria, trabalhar, sermos honestos... e foi isso que eu fiz no meu trabalho” (HV: *mulher com 6 filhos, estudos primários incompletos, empregada numa fábrica de malas, viúva, origem social muito humilde*).

Estes são os valores a cumprir, independentemente do trabalho que se tenha; a tarefa que se realiza é secundária, desde que seja desempenhada com esta disposição moral. Então, a pessoa pode sentir-se orgulhosa por ter estado à altura do seu dever: “O meu pai dizia-me – comenta outro dos nossos informantes – que, quando passasse o chefe, não deveria baixar a cabeça, mas olhá-lo de frente, assim mostras que estás a cumprir com o teu dever; e eu fazia assim... sempre pensei que, se fosse responsável no que fazia, não tinha por que baixar a cabeça” (HV: *mulher com estudos primários, 2 filhos, porteira de uma escola, reformada, origem social muito humilde*).

O trabalho está também relacionado com o valor da utilidade social. “Ensinaram-me a apreciar o valor do meu trabalho, que permitia vestir as crianças que eram pobres”, diz uma das nossas entrevistadas (GD: *mulher, trabalhadora na indústria têxtil, reformada, com estudos primários, origem social humilde*). Este valor da utilidade social possui um sentido religioso, que algumas das pessoas entrevistadas adquiriram em organizações como a Ação Católica: “Mais tarde – diz uma mulher – fui conhecendo a Ação Católica. Comecei na pré-adolescência. Ali comecei a desenvolver-me e a compreender... que o trabalho é uma coisa importante para o desenvolvimento da sociedade” (HV: *mulher com estudos primários, 2 filhos, porteira de uma escola, reformada, origem social muito humilde*).

Cumprir com o dever de trabalhar significa também preocupar-se em levar a família para a frente. “O meu dever era trabalhar para proteger os meus filhos para que eles progredissem”, diz-nos uma das mulheres entrevistadas (HV: *mulher com 2 filhos, estudos primários, secretária de uma escola de condução, reformada, origem social humilde*). “Dizia a mim mesma – comenta outra – tenho que ser melhor que os meus pais; quero uma vida melhor, para os meus filhos e também para mim, e fiz tudo o que pude para que fossem melhores” (HV: *mulher com 2 filhos, professora do ensino primário reformada, origem social, pequenos proprietários agrícolas*).

Ao completar as responsabilidades inerentes a estes deveres, uma pessoa pode considerar-se honesta e íntegra e, conseqüentemente, sentir orgulho por ter correspondido às expectativas que tais deveres impõem, percebendo-se como alguém digno e respeitável. Contudo, isso acarreta também inúmeros sacrifícios. A expectativa da vida laboral, bem como a sua avaliação retrospectiva por parte das pessoas desta geração que entrevistámos, agora aposentadas, reflete a percepção do trabalho como uma atividade árdua e sacrificial. Ocasionalmente, podem surgir certas gratificações, mas, na rotina diária, são exigidos esforços e adversidades consideráveis. Sob esta ótica, trabalhar é visto como um destino inescapável. “Era o pão nosso de cada dia, era o que pretendíamos”, relata um dos entrevistados (HV: *homem, 3 filhos, tipógrafo aposentado, estudos primários, origem social humilde*). Esse destino é frequentemente interpretado em termos religiosos: “Era aquela cultura – comenta outra pessoa – de que temos de trabalhar. Neste mundo, temos de trabalhar. Quem não trabalha, não come. Era essa a ideia. Havia que trabalhar. Era isso” (HV: *mulher, 2 filhos, porteira de escola aposentada, estudos primários, origem social muito humilde*).

Outro valor mencionado pelos entrevistados é o da poupança, um princípio interiorizado nas famílias em que cresceram, durante os anos de escassez económica após a Segunda Guerra Mundial. “Gasta primeiro o que tens, rompe primeiro o que tens e só depois vai comprar”, recorda uma das informantes, citando o conselho de sua mãe (HV: *mulher, 2 filhos, secretária de uma escola de condução aposentada, estudos primários, origem social humilde*). “A minha mãe – diz outro entrevistado – ensinava-me a poupar para a velhice, pois naquela época não havia Segurança Social” (GD: *homem, pequeno empresário aposentado, 4 filhos, estudos primários, origem social humilde*). Embora, inicialmente, a poupança fosse uma necessidade, essa necessidade acaba por se transformar, eventualmente, numa virtude. Quando questionado se continuava a poupar, um dos entrevistados responde: “O dinheiro – diz-nos – sempre me sobrou no final do mês, é um dos meus princípios. Para mim, poupar é importante” (HV: *homem, pequeno empresário aposentado, 4 filhos, estudos primários, origem social humilde*).

Observa-se, através dos exemplos citados, que a relação entre as experiências de vida e os valores é bastante complexa, no sentido em que não se pode afirmar que uma seja diretamente causadora da outra. Embora as experiências de pobreza tenham evidenciado aos nossos entrevistados a necessidade de poupar, mesmo quando essas experiências mudaram e as suas condições de vida melhoraram significativamente o valor da poupança manteve-se, embora de forma alterada. Os valores não retêm o mesmo significado quando confrontados com novas experiências. “Gosto de ir às compras no centro comercial, mas apenas para comprar o que realmente preciso, não para ostentar”, exemplifica uma entrevistada (HV: *mulher, 2 filhos, professora do ensino primário aposentada, origem social de pequenos proprietários agrícolas*). Como se pode observar através deste exemplo, os estilos de vida associados à sociedade de consumo são interpretados em função do valor da poupança, mas este valor também se transformou em resposta a essas experiências, permitindo a compra, mas condicionada às necessidades individuais, que agora são substancialmente maiores do que antes.

Se os valores previamente mencionados, como a *honestidade e a honra, o respeito, a solidariedade, a justiça e a responsabilidade*, adquirem significado nas diversas esferas da vida, interpretados em relação às trajetórias biográficas individuais, esse significado está particularmente associado, no contexto do lazer, a experiências libertadoras. Essas experiências estão livres das numerosas obrigações sacrificiais exigidas noutros domínios da existência. Sob esta perspectiva, os momentos de ócio serviriam como compensação pelos períodos em que se está sujeito a tarefas sacrificiais. “Eu digo assim – comenta um dos entrevistados – temos de ter uma alternativa entre as obrigações e a liberdade” (HV: *homem, pequeno empresário aposentado, 4 filhos, estudos primários, origem social desfavorecida*). Neste sentido, essas pessoas eram perfeitamente conscientes de que a vida se desenrola entre alternâncias, entre tempos e espaços mais estruturais e hierárquicos, e aqueles mais igualitários e libertadores, sendo impossível dedicar-se exclusivamente a um deles, pois um requer a presença do outro (Turner, 1988).

Contudo, a maioria dessas pessoas passou grande parte do tempo envolvida com deveres sacrificiais dentro de estruturas hierárquicas, tanto na infância, na família e na escola, quanto mais tarde, em diversos ambientes de trabalho. Por isso, os raros momentos em que podiam afastar-se dessas estruturas para desfrutar de algum tipo de ócio libertador são lembrados com particular nostalgia, especialmente na infância e na juventude. “Lembro-me da liberdade – evoca uma pessoa sobre a sua infância. Com liberdade éramos como os pássaros... As pessoas eram felizes, não se sentiam presas” (HV: *mulher, 2 filhos, porteira de escola aposentada, estudos primários, origem social muito humilde*).

“Juntávamo-nos uma meia dúzia de rapazes – relata outro – íamos a pé tomar banho ao rio; havia miséria, mas éramos felizes da vida... era estar uns com os outros e esquecíamos o desconforto do estômago vazio” (HV: *homem, tipógrafo aposentado, 3 filhos, estudos primários, origem social humilde*).

Em resumo, os diferentes domínios da existência dessas pessoas adquiriam sentido em relação a valores de conteúdo religioso, que se manifestavam em deveres de cumprimento obrigatório. Esses deveres implicavam assumir certas obrigações no contexto de distintas estruturas hierárquicas. Em contrapartida, essa ordem existencial fazia sentido na medida em que permitia que as pessoas se libertassem ocasionalmente das obrigações impostas pela vida quotidiana.

Na medida em que estas obrigações estavam associadas a uma série de deveres, que representavam a expressão de diversos valores compartilhados, por meio dos quais se aspirava ao reconhecimento e à estima, as estruturas hierárquicas relacionadas com essas obrigações, com as suas correspondentes linhas de autoridade, eram mais facilmente aceites. Isso ocorria tanto no ambiente familiar como na comunidade, tanto na paróquia como no mundo do trabalho. No entanto, a aceitação era menor no contexto escolar. De facto, as estruturas hierárquicas rígidas que prevaleciam na escola, com as suas imposições e obrigações correspondentes, são evocadas pelos nossos entrevistados sem uma conexão clara com os valores e os deveres associados aos outros âmbitos mencionados. Por isso, o relato da vida escolar tende a ser mais sombrio do que luminoso, particularmente, por parte daqueles que não tinham expectativas de prolongar a sua vida académica. “Não havia mais possibilidades – diz um dos entrevistados. Não podia ir mais longe, porque não havia dinheiro para estudar... Não se podia” (HV: *homem, 3 filhos, tipógrafo aposentado, estudos primários, origem social humilde*). “Não havia aquela obrigação de estudar e não estudei – diz outra entrevistada (HV: *mulher, 2 filhos, secretária de escola de condução aposentada*).

Para estas pessoas, como mencionámos anteriormente, a memória da sua fase escolar é predominantemente sombria. “Dentro da sala de aula, havia muito rigor... Naquela época transmitiam medo... Eu sentia-me humilhada”, comenta uma das entrevistadas (HV: *mulher, 2 filhos, porteira de escola aposentada, educação primária, origem social muito humilde*). “Naquele momento – refere outra pessoa – havia respeito pelos professores, até medo, porque eram rigorosos e severos” (HV: *mulher, 2 filhos, secretária de escola de condução aposentada, educação primária, origem social humilde*).

De facto, com poucas expectativas escolares, dado que o objetivo era rapidamente ingressar no mercado de trabalho, “os nossos pais ensinaram-nos que a gente tinha de trabalhar”, comenta uma das entrevistadas (HV: *mulher, 2 filhos, secretária de uma escola de condução aposentada, estudos primários, origem*

social humilde). Num ambiente disciplinar e autoritário, pouco ligado a outros deveres, além de respeitar aqueles que exerciam a autoridade com rigor, não é surpreendente que o período escolar seja recordado com mais pesar do que entusiasmo. Somente aqueles cujas expectativas escolares se estendiam além da escola primária projetavam sobre o mundo escolar alguma esperança de mobilidade social que tornava mais suportável esse ambiente estrito e rígido. “Eu dizia para mim própria – relata uma das pessoas – tenho de ser melhor do que os meus pais” (HV: *mulher, professora do ensino primário aposentada com 2 filhos, origem social de pequenos proprietários agrícolas*). “A escola ajudou a superar-me”, diz outra pessoa (HV: *homem, 2 filhos, engenheiro técnico, professor de ensino secundário aposentado*).

Tal como foi mostrado, as experiências e os sentidos da existência das pessoas que entrevistámos, pertencentes à geração de 1940-50 do distrito de Braga, articulam-se, principalmente, em torno dos valores da *honestidade* e da *honra*, do *respeito* e da *solidariedade*. Estes valores, expressos através de diversos deveres, atuam como horizontes de significação que orientam a vida destas pessoas, conferindo um sentido específico às suas trajetórias biográficas (Taylor, 1996). Contudo, este sentido está sempre situado, estando estreitamente vinculado às diversas experiências de vida (Joas, 2013, p. 219; 2023, pp. 430-431).

Esta realidade revela-se ainda mais complexa quando consideramos as relações intergeracionais, tanto das pessoas desta geração com os seus progenitores, como delas com os seus filhos. De facto, o que uns desejavam transmitir pode ser interpretado pelos outros de modo diferente, em função dos seus valores e experiências de vida. O que uns transmitiam como parte de uma realidade dada por suposta, talvez os outros enfrentassem de uma forma mais reflexiva, criando novas situações.

Vejamos alguns exemplos referentes a distintos domínios, iniciando pelo domínio religioso. A análise das entrevistas realizadas a indivíduos da presente geração revela que a religião constitui um componente fundamental das suas crenças e valores, estes últimos intrinsecamente ligados a experiências de vida associadas ao ambiente comunitário e paroquial. Observa-se uma coerência notável entre a crença e a prática religiosa; contudo, nas gerações subsequentes, para os seus filhos, esta forma de religiosidade tem demonstrado sinais de enfraquecimento, distanciando-se progressivamente das vivências e valores dos progenitores. Uma das entrevistadas relata: “Transmiti aos meus filhos o hábito de ir à missa. Eles são católicos, mas não vão à missa como gostaria que fossem, porque dizem que não têm tempo” (HV: *mulher com 2 filhos, estudos primários, antiga secretária de uma escola de condução, origem social humilde*). Outro participante comenta: “Quando eram mais novos, os meus

filhos começaram a ir à missa comigo, mas depois começaram a afastar-se um pouco, embora se mantenham católicos” (HV: *homem, tipógrafo, estudos primários, reformado com 3 filhos, de origem social humilde*).

Como se pode observar através destes testemunhos, os filhos absorveram as crenças religiosas transmitidas pelos pais, acompanhadas de práticas específicas. Ainda que não as tenham abandonado completamente, dado que continuam a identificar-se como católicos e participam ocasionalmente em cerimónias religiosas, observa-se um distanciamento gradual dessas crenças, influenciado pelas suas situações de vida particulares.

Um fenómeno semelhante verifica-se em relação a outros valores, como a *honestidade* e a *integridade*, que estão associados ao sentimento de *vergonha*. Neste caso, as experiências vividas pelos filhos divergem das experiências dos pais, o que resultou numa reinterpretação desses valores à luz de outros valores emergentes das suas vivências. Além disso, os próprios pais, especialmente aqueles que viveram processos de mobilidade social relacionados com o trabalho e com a educação, também reconfiguraram os valores herdados dos seus progenitores, adaptando-os às suas próprias circunstâncias de vida.

Vejamos alguns exemplos que ilustram a complexidade das relações intergeracionais, começando pela interação dos membros desta geração com os seus pais e, subsequentemente, com os seus próprios filhos. No primeiro caso, uma mulher, que tinha sido professora, relata uma situação em que foi repreendida de forma severa pelo pai, que invocou o conceito de vergonha quando a saía dela subiu inadvertidamente: “As mulheres de hoje têm menos vergonha do que as prostitutas”, afirmou ele; a filha sentiu-se profundamente ofendida com tais palavras, pois, para ela, “esses comentários eram desprovidos de sentido” (HV: *mulher com 2 filhos, professora do ensino primário aposentada, de origem social de pequenos proprietários agrícolas*). Neste contexto, o sentido atribuído ao conceito de vergonha já não era o mesmo que o do seu pai, tendo sido reinterpretado em função da sua própria situação de vida e perspectivas enquanto jovem estudante. No entanto, isso não implica a extinção desse sentimento; ela própria manifesta preocupações quanto ao comportamento dos seus filhos nas suas relações amorosas, apelando a uma noção particular de honestidade e vergonha. “Os seus valores, muito mais liberais, especialmente no âmbito sexual e das relações amorosas – diz-nos a entrevistada – divergem dos meus, o que me causa certa frustração. Embora a sociedade aceite esses valores, eu pessoalmente não os aceito” (HV: *mulher com 2 filhos, professora do ensino primário aposentada, de origem social de pequenos proprietários agrícolas*).

Como se procurou demonstrar, as relações entre os membros das diferentes gerações são intrinsecamente complexas, uma vez que os valores transmitidos de uma geração são interpretados à luz das circunstâncias de vida

particulares de cada indivíduo. Isso não implica que os valores herdados desapareçam completamente, mas sim que são reconfigurados e adaptados em resposta a novas experiências vivenciais.

CONCLUSÃO

Ao longo deste texto, apresentámos a descrição e a análise dos membros da geração de 1940-50, do distrito de Braga, no Norte de Portugal, abrangendo as dimensões da família, escola, trabalho, lazer e religião. Na primeira parte, contextualizámos esta investigação no âmbito dos estudos sobre as gerações, com o objetivo de destacar o valor analítico dos primeiros estudos clássicos nesta área, especialmente o trabalho de Karl Mannheim (1993). Observámos que a análise das gerações não pode ser reduzida meramente ao facto objetivo de se ter nascido num mesmo local e período, nem tão-somente à consciência particular e à vontade de pertença.

A pertença geracional é uma questão substancialmente mais complexa, onde se procura desvendar como, a partir do mero contexto circunstancial de se ter nascido e crescido num mesmo local e tempo, isto é, de coexistir no mundo, pode emergir uma orientação particular para o mundo que não se manifesta necessariamente numa vontade consciente plena de saber-se parte de um grupo. Este é, segundo a nossa perspetiva, o desafio que qualquer estudo sobre as gerações deve abordar e resolver.

Esta questão implica investigar a relação entre as experiências e as vivências das pessoas nascidas num determinado local e num determinado tempo com as suas atitudes e valores, reconhecendo que esta relação não é puramente causal, mas sim profundamente problemática e complexa. As atitudes e valores não orientam isoladamente as ações das pessoas numa direção específica, nem as experiências e as vivências criam esses valores e atitudes de forma isolada. Esta relação é dialética e implica considerar, seguindo Hans Joas (2023, p. 431; 2013, pp. 214-215), que a nossa orientação no mundo, vinculada a valores e atitudes, está sempre mediada pela nossa ação no mundo, através da qual estes valores e atitudes são continuamente modificados e reconfigurados em contextos específicos da nossa experiência. Por outras palavras, agimos em situações específicas guiados por determinadas visões do mundo, mas estas visões são constantemente atualizadas à luz das nossas ações situadas.

Estas visões do mundo, situadas e contextuais, são o que liga os membros de uma geração, muitas vezes não de forma voluntária e consciente, mas sim de modo mais irreflexivo e assumido como dado adquirido. Este processo também tece as relações intergeracionais de uma forma ainda mais complexa, dado que as experiências, valores e atitudes dos membros de uma geração

interagem com os das outras e, deste modo, se vão reconfigurando em diferentes direções e contextos situacionais.

Ilustrámos esta dinâmica através de um estudo de caso concreto, envolvendo os membros da geração de 1940-50, do distrito de Braga, no Norte de Portugal, em relação aos âmbitos familiar, escolar, laboral, de ócio e religioso. Demonstrámos como estas pessoas tiveram uma série de experiências e vivências comuns que foram interpretadas à luz dos valores partilhados da *honestidade e honra*, do *respeito e solidariedade*, todos com um claro significado religioso. Da mesma forma, estes valores foram adquirindo um sentido particular através do contacto com essas experiências em diversas situações de vida. Estas situações foram marcadas por condições de pobreza, mas também pelas experiências ligadas às comunidades paroquiais tradicionais onde cresceram as pessoas que entrevistámos.

Mostrámos ainda que, através deste processo, não só se criaram vínculos geracionais que se manifestam numa maneira particular de estar e de se orientar no mundo, mas também se estabeleceram relações intergeracionais complexas, tanto entre as pessoas da geração em análise e os seus progenitores como entre elas e os seus filhos. Por meio destas relações, os valores transmitidos de uma geração para a outra foram continuamente reconfigurados de forma geralmente mais reflexiva, à luz das próprias experiências e valores dos indivíduos, num contexto situacional marcado pela Revolução dos Cravos do 25 de Abril.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOIM, S., VASCONCELOS, P. (2014), "From political to social generations. A critical reappraisal of Manheim's classical approach". *European Journal of Social Theory*, 17, pp. 165-183.
- ABOIM, S., VASCONCELOS, P., NEVES, D. (2011), *Género e Adultícia: Continuidade e Mudança em Três Gerações. Jovens e Rumos*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- ABOIM, S., VASCONCELOS, P., WALL, K. (2013), "Support, social networks and the family in Portugal: two decades of research". *International Review of Sociology*, 23 (1), pp. 47-67.
- BELLAH, R. (2017), *La religión en la evolución humana. Del Paleolítico a la era axial*, Madrid, CIS.
- BELLAH, R., MADSEN, R., SULLIVAN, W., SWIDLER, A., TIPTON, S. (1989), *Hábitos del Corazón*, Madrid, Alianza Editorial.
- BERGER, P. (1977), *El dosel sagrado. Elementos para una sociología de la religión*, Buenos Aires, Amorrortu.
- BERTAUX, D. (2005), *Los relatos de vida. Perspectiva etnosociológica*, Barcelona, Bellaterra.
- BIGGS, S., HAAPALA, I., LOWENSTEIN, A. (2011), "Exploring generational intelligence as a model for examining the process of intergenerational relationships". *Ageing and Society*, 31 (7), pp. 1107-1124. doi:10.1017/S0144686X10000978.
- BLUMER, H. (1982), *El interaccionismo simbólico: perspectiva y método*, Barcelona, Hora.
- BOURDIEU, P. (1993), "'Youth' is just a word". In *Sociology in Question*, Thousand Oaks, Sage, pp. 94-102.
- BOURDIEU, P. (2008), *Homo Academicus*, Buenos Aires, Siglo XXI.
- BOURDIEU, P., PASSERON, J. C. (2001), *La reproducción. Elementos para una teoría del sistema de enseñanza*, Madrid, Editorial Popular.
- CABRAL, M. V. (1998), "Mobilidade social e atitudes de classe em Portugal". *Análise Social*, XXXIII (146-147), 381-414.
- COLLINS, R. (2009), *Cadenas de rituales de interacción*, Barcelona, Anthopos.
- CORSTEN, M. (1999), "The time of generations". *Time & Society*, 8 (2), pp. 249-272.
- COSTA, A., MAURITTI, R., MARTINS, S. (2000), "Classes sociais na Europa". *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, pp. 9-43.
- DUQUE, E., DURÁN, J. F. (2023), "Generations and life worlds: the case of Braga in Portugal". *Religions*, 14 (11), 1413, pp. 1-23.
- EDMUNDS, J., TURNER, B. (2002), *Generations, Culture and Society*, Fildélfia, Open University Press.
- FEIXA, C. (2014), *De la Generación@ a la #Generación. La juventud en la era digital*, Barcelona, Ned Ediciones.
- FERRY, L., RÉNAUT, A. (1985), *La pensée 68. Essai sur l'anti-humanisme contemporain*, Paris, Gallimard.
- FEUER, L. (1968), *The Conflict of Generations*, Londres, Heinemann.
- FOUCAULT, M. (1999), *Vigilar y castigar*, Barcelona, Círculo de Lectores.
- GUERREIRO, M., ABRANTES, P. (2003), *Transições incertas. Os jovens perante o trabalho e a família*, Lisboa, CIES.
- HALBWACHS, M. (2004), *La memoria colectiva*, Saragoça, Prensas Universitarias.
- ILlich, I. (1973), *La sociedad desescolarizada*, Barcelona, Barral.
- INSTITUTO NACIONAL DE LA JUVENTUD (1975), *III encuesta nacional a la juventud*, Madrid, Injuve.

- JOAS, H. (2013), *La creatividad en acción*, Madrid, CIS.
- JOAS, H. (2023), *El poder de lo sagrado. Una alternativa al relato del desencantamiento*, Barcelona, Herder.
- JONES, J., JONES, L., CALVERT, M., DAMERY, S., MATHER, J. M. (2022), "A literature review of studies that have compared the use of face-to-face and online focus groups". *International Journal of Qualitative Methods*, 21, pp. 1-12.
- KINGSTONE, H., BRISTOW, J. (2024), *Studying Generations: Multidisciplinary Perspectives*, Bristol, Bristol University Press.
- LE GOFF, J. P. (2002), *La démocratie post-totalitaire*, Paris, La Découverte.
- LECCARDI, C., FEIXA, C. (2011), "El concepto de generación en las teorías sobre la juventud". *Última Década*, 34, pp. 11-32.
- MANNHEIM, K. (1993), "El problema de las generaciones". *REIS*, 62, pp. 193-244.
- MATIAS, N. (1989), *A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações – A Educação e a Escola*, vol. II, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.
- MENDEL, G. (1975), *La crisis de las generaciones*, Barcelona, Península.
- MIGUEL, A. de (coord.) (2000), *Dos generaciones de jóvenes 1960-1998*, Madrid, Ministerio de trabajo y asuntos sociales.
- MUIJEEN, K., KONGVATTANANON, P., SOMPRASERT, C. (2019), "The key success factors in focus group discussions with the elderly for novice researchers: a review". *Journal of Health Research*, 34 (4), pp. 359-371.
- NELSON, M., ANDRADE, M., FERREIRA, P., PAIS, J., SCHMIDT, L. (1989), *A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.
- NILSEN, A. (1998), "Jovens para sempre? Uma perspectiva da individualização centrada nos trajectos de vida". *Sociologia, Problemas e Práticas*, 27, pp. 59-78.
- ORTEGA Y GASSET, J. (2008), *En torno a Galileo*, Madrid, Alianza Editorial.
- PAIS, J. (1989), *Juventude Portuguesa. Situações, Problemas, Aspirações – A Convivialidade e a Relação com os Outros*, Lisboa, Instituto da Juventude e Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- PAIS, J. (1996), "Pesquisa bibliográfica sobre jovens portugueses (1985-1995)". *Sociologia, Problemas e Práticas*, 21, pp. 225-245.
- PAIS, J. (1998), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, ICS.
- PILCHER, J. (2017), *Women of Their Time: Generation, Gender Issues and Feminism*, Londres, Routledge.
- PURHONEN, S. (2016), "Generations on paper: Bourdieu and the critique of 'generation-alism'". *Social Science Information*, 55 (1), pp. 94-114. doi:10.1177/0539018415608967.
- RAMOS, V. (2014), "Que trajetórias de classe? Uma análise da mobilidade social em duas gerações de portugueses". *Análise Social*, 49 (212), pp. 626-649.
- RAMOS, V. (2018), "Transitions to adulthood and generational change in Portugal". *Societies*, 8 (21). doi:10.3390/soc8020021.
- RICARD, F. (2001), *La génération lyrique. Essai sur la vie et l'oeuvre des premiers-nés du baby-boom*, Paris, Éditions Climats.
- SÁNCHEZ DE LA YNCERA, I. (1993), "Crisis y orientación. Apuntes sobre el pensamiento de Karl Mannheim". *REIS*, 62, pp. 17-44.
- TAYLOR, Ch. (1996), *Las fuentes del yo*, Barcelona, Paidós.

TAYLOR, C. (2014), *La era secular*, vol. 1, Barcelona, Gedisa.

TURNER, V. (1988). *El proceso ritual. Estructura y antiestructura*, Madrid, Taurus.

Recebido a 27-04-2024. Aceite para publicação a 23-06-2026.

DUQUE, E., DURÁN VÁZQUEZ, J. F. (2026), "A questão das gerações na perspetiva das pessoas nascidas em 1940-1950, no distrito de Braga, Portugal". *Análise Social*, 259, LXI (2.º), e35665. <https://doi.org/10.31447/35665>.

Eduardo Duque » eduardoduque@ucp.pt » Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa » Palma de Cima — 1649-023 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0003-4719-3148>.

José F. Durán Vázquez » joseduran@uvigo.es » Facultad de Ciencias Jurídicas y del Trabajo » Despacho B-210, As Lagoas, Marcosende — 36310 Vigo, España » <https://orcid.org/0000-0002-7440-0168>.
